CÉU AZUL, VERDE MAR

21 Poemas de MANOEL ALBANO AMORA

DO MAR, NA SOLIDÃO

Sou a nau perdida no oceano.
Açoita-me com violência o vendaval,
arrojam-me os vagalhões para o céu invisível.
Vogo nas ondas encrespadas,
sem rumo certo, balouçante e ameaçado de submersão.
Sinto o gôsto ácido das algas
e ouço a música fúnebre do ar que sibila.
Aonde aportarei, agora, que é noite
tão negra que nem se percebem as esmeraldas flutuantes?
Formosa, Sicília, Pôrto Rico?
Nenhuma graça aflora das águas profundas do mar.
Chegarei a um destino, certamente,
com a luz intermitente dos teus olhos:
à encantada Ilha dos Amôres.

SONO E SONHO

Na noite morna pousa o silêncio como uma ave soturna.
A lua divaga na abóbada de apagado azul.
Os frutos silvestres e as flôres cultivadas crescem nos campos, [além.
De raro em raro ouvem-se pios distantes.
Nenhum murmúrio estranho, senão sombras,
enquanto os sêres humanos e os irracionais repousam.
Mas, outros, homens, mulheres e crianças acendem sorrisos
ou derramam lágrimas no mistério silente.
Deuses, duendes e pessoas jamais compreenderão
todos os gestos líricos e palavras de carinho.
Dois olhares permutam anseios
como estrêlas incendidas
escondidas na meia claridade.
Deitar o meu rosto nos teus ombros perfumados,
e dormir.
Tempos sem conta sonharei contigo,
doce amor.

SOM NOTURNO

O seu nome ressoou na noite escura e lúgubre.
Não havia estrêlas no firmamento
e o silêncio era imenso.
Que voz era aquela, misteriosa e estranha?
Que boca de pétalas lhe pronunciara o nome?
Invisíveis seriam os olhos castanhos
os cabelos louros anelados
o sorriso franco
de alguém que poderia ser a autora
da nota esquisita perdida no espaço.
E êle era pobre e desprotegido
solitário e atormentado, insone
dentro das horas terríveis.
Talvez o vento houvesse simulado um ruído
ou o som houvesse surgido nas asas do sonho ,
vindo de mares glaciais ou de montanhas desertas.
Implacável continuava o tempo e o vazio das coisas.
«Minha amada?»
Nenhuma palavra amiga de mulher
penetrou na sua alma ávida de consôlo.

BRUMA

Quando a chuva chega com a aparência da que se espera,
fina, tranquila e azulina,
ensombrando a terra e as almas delicadas,
eu esqueço, amor, que sou filho dos trópicos
e creio, creio que estou em Londres,
na bruma,
nevoento como o sonho que me vem.
Então compreendo o outro romantismo,
êsse que o irmão latino nunca viu:
o inglês também tem alma,
também ama o amor e cultiva a saudade,
mas êle em verdade ardente não é,
guarda o afeto ou o rancor
sem desespêro,
singelamente.
Bendito sejas, lírico bogari de Albion,
porque tu és sem ódio,
não tens dentro de ti tumultos ingênuos,
mas és humano,
trabalhas para que a tua vida seja um sonho
inofensivo
deleitoso.
O sonho do homem inglês pode bem ser pesado:
ei-lo com a inglesinha e o filho, que carrega nos braços,
levam boa vida no estranho bangalô
e se dão beijos, abraços e carinhos
(o carinho do inglês, como é engraçado!).
Vamos todos invejar o céu de Londres,
que cria homens práticos e amorosos,
ditos insensíveis por nós,
por nós a quem talvez um céu não comova.
Londres, London dos britânicos e do comércio,
lembras-te de Romeu e Julieta?
Não foi outro, senão William Shakespeare, o autor.
Londres, lembras-te do velho Milton?
Lembras-te, Londres, de Lord Byron,
aquêle que morreu defendendo a Hélade?
Londres, eu te amo quase como a Paris,
porque tu és inglesa e pulcra,
grande e cheia,
mas ainda tiveste um lugar para Rudyard Kipling.
Londres, meu amor,

capital da minha Inglaterra aristocrática,
cujo rei abandonou o trono pelo coração de uma burguesa.
Quero que sempre a chuva brasileira
venha ofuscar o sol queimante de verão:
então eu amarei a minha terna Londres,
como John, amando o mar, ama a Inglaterra.
Este dia londrino mais romântico me faz
e eu vago dentro de mim mesmo como um anjo,
mas não sonho com o Deus anglicano,
penso que sou um poeta inglês.

FLOR

O sol, galã do espaço, cai em flocos de oiro
sôbre o jardim, árvores, rosas, chafariz,
para dizer que viu os romances terminados
e iluminar as lágrimas tristes da saudade.
Não há muito gente àquela hora, ali. Dezesseis horas.
Passa o ônibus sem correria e sem barulho.
Leves, os galhos não oscilam ao vento, que é manso.
Os pássaros não singram os ares, que é tempo de descansar.
Comunica-se uma sensação de praça quase deserta.
Passeiam lá algumas moças das que vão à noite.
Quais são elas, querido jardim? Várias do grupo
alegre, despreocupado, que espera a delícia e o amor.
Uma atravessa a alameda fronteira, calma, de andar miúdo,
simples, e tendo uma meiguice franca em cada gesto.
Vestida de côr de rosa, parece a vida aos vinte anos
que viesse espairecer, às cinco de domingo, na Assunção.
Quando a noite chega e a tarde caminha para os corações
que sempre se lembrarão dessa sugestiva paisagem,
ei-la de nôvo ali, esplendorosa, grácil e terna,
para que haja um lírio no jardim.

AO PIANO

O mundo era festivo
e a cidade era alegre.
Risonho era o teu coração.
Vinhas alvorecendo. Quinze anos.
Quinze pérolas, para encanto,
De tantos olhos contemplativos.

Reunias-te a um grupo de amigas
na vasta sala enfeitada
de bibelots e de retratos.
Para o prazer, para o enlêvo.
Então, tua alma engalanada
tocava piano:
Cumparsita — *amor*
que espera, de longe,
a felicidade.
Rêve d'Amour — *sonho feliz*
ao longo da vida,
em uma paixão que não tem fim.
Cumparsista.
Rêve d'Amour.
Voavas ao paraíso,
ao teu florido pomar.
Há muitos anos passados, agora.
A sonhadora pianista ainda tem
suas róseas mãos no teclado.

BREVE PASSAGEM DE ZIZI

Maravilha gratuita que surgiu da névoa do desconhecido,
Zizi, morena lírica,
caiu nos braços do namorado, nos seu largos braços forrados
[de calor,
escutou as suas sedutoras palavras,
fitou dentro dos seus olhos

A tarde se desenrolava tarda, macia, admirável
e dentro dela não havia muita luz nem aragem:
e consentiu nas suas carícias.

havia tão só a compacta matéria
formada pelos dois amantes enleados,
enlevados,
esquecidos,
perdidos.

Nada turbava, a princípio, aquela comunhão de corpos cálidos,
[febris,
nada obstava aquêle pecaminoso devaneio,
porque o desejo era crescente como as marés insólitas
e gritava como um alucinado.

Uma vez, porém, foi a última de tôdas,
a em que Zizi fugiu como a ave aventureira,
insensata
insensata que não soube amar sem mêdo,
insensata que desertou do jardim dos abraços.

Amanhã, outro possuirá Zizi com a mesma facilidade
com que ela ao seu amado se entregou.
E em cada alma abandonada sòmente restará
a sensação da amorosa presença de Zizi.

AQUÊLES PASSOS

O jardim era seu,
risonha açucena.
O jardim era seu bem por inteiro.
O jardim era dela, da lírica donzela,
Da criança bonita e meiga e deslumbrante.
O jardim era seu, meu amor tão mudo.
Princeza do jardim na aurora da vida,
seguiu-a alguém, muitos alguéns, por certo
Luz feérica, perfume, aroma, aragem,
e paisagem do jardim.
Seus passos
miudos
silentes
indiferentes
delicados
sonhadores
encheram de melodia a alma do jardim.
Braços cruzados, cavalheiros finos olharam
fumando e a cismar
a paisagem que era ela.
Seus passos pisaram muitos corações, mas sem malícia.
Não viessem perturbar o itinerário da flor
de corola recendente e pétalas bem nítidas.
Deixassem que ela encontrasse o só desejado
(julgava que êle fôsse poeta ou músico ou pintor)
que lhe dissesse assim;
«— Querida, eu admiro todo o teu esplendor.
Soú pequeno diante dêle mas me torno
grande ao te amar.
Vem para mim, sem que eu te chame

Querida, eu saberei que o amor só tem encantos».
Ah, se êle soubesse dizer assim!
Rósea rutilância,
no solo frio.
Ela, sua vida, sua presença ali, ela tôda
era um tango-canção;
airosa, bela, surpreendente, delicada.
Eu mergulhei a minha alma naquela música divina
e — quereis saber? —
o meu transporte foi lírico.
Minha alma foi uma criança ingênua
que com facilidade sabe se encantar.
Seus passos...
Ó, os passos dela, jardim!
O jardim era ela?
Os seus passos?
Conversei com a dona dos passos do jardim.
Sonhei com ela,
olhos contra olhos,
perto.
Depois, ela se foi apressadamente pisando o chão.
Certamente houve um grande claro, sim.
Jamais pode ser olvidado um tal espetáculo
que ficou impresso no pensamento das criaturas.
Seus passos não se eximiram de voltar,
e despertaram entusiasmo, ainda, aos frequentadores.
Seus passos eram de opala, de ouro, de sândalo,
de rosas, ou os seus passos eram sem igual?
Mas, um dia, o jardim,
desditoso,
não mais recebeu
a carícia daqueles passos.
Jardim vulgar que não mais dispunha dos passos
que outrora o fizeram uma maravilha urbana.
Mas, jardim privilegiado que guardava a marca
dos passos da mulher que era bonita e sedutora.
Outro dia, o jardim
soube de uma história
triste.
Os passos da virgem
caminharam
para a morte
para a terra.
Passos que se distanciaram do seu rítmo antigo,

mais dolorosos agora e mais singularmente calmos,
passos que melhor expressaram a mágoa do tango
caminhando sem clamor para o país da saudade.
Passos da lembrança,
do desejo de recordar
da razão de recordar.
Passos perdidos.
Passos perdidos.

O PRÍNCIPE

Poeta.
Banqueiro.
Augusto poeta .
Luciana, a pálida,
coberta de flôres,
é a moça que não volta.
Cantor do cantos noturnos das ruas desertas,
das meninas de outrora,
das tardes sem claridades,
das estradas povoadas de sombras,
Schmidt trovador.
Augusto Frederico intimista,
universal Schmidt.
Do mar de sargaços,
das gaivotas tristes,
amigo de Jáime Ovalle.
A infância
contínua
no verso livre e lírico.
Sonho e névoa,
amôres aos pedaços,
saudades pelos caminhos longos
e nas horas silenciosas.
Mataram o Príncipe
perdido na areia.

A NOITE E A MULHER AMADA

A noite, minha namorada,
era sombria e perfumada.
Contemplei-a enternecido.
À noite, minha namorada,
era morena e perfumada.

Amei-a, como um perdido.
Aquela me envolveu em sonhos.
Essa só amor me deu.
A primeira era silenciosa.
A segunda era toda carinho.
Suave é a noite, sempre e sempre.
Amável é a mulher, tôdas as noites.
A noite vive na natureza.
A amada vive dentro de mim.
A noite tem estrêlas no céu sem fim.
A amada é a única estrêla para mim.

DEUS

Deus, o increado e eterno,
um velho amável que só oferta bondade,
imensamente bom,
que não castiga ninguém,
pois só tem palavras e atos de benevolência,
Deus é o grande doador da beleza.
Com o seu pincel pintou a terra,
com o seu buril esculpiu as montanhas ,
músico, compôs a ária do vento,
— e fêz a luz! —
poeta, engastou as estrêlas no céu
semeou as flôres nos montes e estradas
criou os vagalumes que vagam ao lume dos poentes
escreveu um grande poema, o mar,
concebeu a mulher para amar.
Tudo com liberalidade
e sem cláusula secreta,
êsse ancião generoso
procedeu assim.
Deus, minha adorada Glynis,
jamais criaria infernos e pocilgas e covis,
porque não seriam obras divinas, esplêndidas.
Deus é sumamente bom e digno
de ser amado sôbre tôdas as coisas.
Criador de tôdas as coisas belas,
Deus criou a própria poesia,
expressão da alma maguada ou do ardente amor.
E a poesia emana de Deus
como sorriso de Deus doado ao poeta.

Quando Deus sorri, o poeta canta
e encanta
a quem ouve o seu cântico mavioso.
Bendito seja o incomensurável Deus.

VIAGEM

Vou fazer uma viagem,
uma longa viagem.
Deixarei, hoje, esta cidade fatal.
Os caminhos serão suaves e floridos.
Verei a verde campina,
a silhueta da serra
e os ipês amarelos
ao longo das estradas.
Bons ares me alegrarão.
Quando chegar, o meu coração
terá a placidez dos dias estivais.
Pisarei a terra
encantadoramente.
Vou visitar um país de sonho.

KATHERINE MANSFIELD

Katie, suave Katie, cuja alma foi como uma prece
ao mar amigo que a Inglaterra beija,
por onde sonhos escaparam lestos
batendo nos corpos de quatro mundos gregos.
Katie, encantadora fada dos celtas,
formosa dama de colar de pérolas
em que brilharam os esplendores meigos
do amor, da saudade e da doçura imensa.
Miss Katie do encontro deleitoso e breve
no remanso de um jardim de Londres
com o irmão que era a loucura de uma vida bela
(uma pêra cai de uma velha árvore...)
Será pecado amar-te, Katherine Mansfield,
agora que já és morta e o teu perfume
nunca se perderá em Nova Zelândia?
Mulher que pôs o carinho em cada gesto,
universo feminino, ela ,sòzinha.
O lar, o lar amigo das criaturas,
onde as chagas se transformam em cicatrizes,
têve sempre o incenso do seu olhar gentil.

Katie, que era uma flor sem atavios,
maravilha esplendente em um solo ameno,
para a corôa de rosas do imortal império.
Algo de bonito existe, não é, Katherine?
Por êle devem lutar os que almejam os frutos de ouro,
mesmo que venham de amor a se enfarar.
A vida é um milagre de fúlgida beleza
e ainda há um Deus atento aos temporais desejos.
Tiveste razão de sonhar, Katie ideal,
porque existem pomares, cânticos e auroras.
A poesia desce das serras do céu e vem
bater no tronco das árvores esgalhadas.
Assim ela veio a ti, formosa lady,
e assim foste boa, pura e amorável.
Assim foste essa doce Katherine
que eu afinal encontrei na bem-amada.

REFLEXO

Teus olhos são verdes
e brilham.
Não refletem distantes mares
ligados a cênas mitológicas.
Não falam da lenda das esmeraldas.
Nem lembram as águas-marinhas.
Teus olhos são verdes
e brilham.
Fitei-os
e êles fitaram os meus.
E eu revi nos teus olhos que são verdes
e brilham
a imagem da minha terra
ao sopé de uma serra — verde! —
como verdes são os teus olhos.

BALADA

Quero repousar em ti,
na tua ternura.
Quero repousar em ti,
na tua douçura.
Quero repousar em ti,

no teu carinho.
Tenho vontade de ti.
Tenho necessidade de ti,
da tua afeição.
Vou repousar em ti,
dentro dêsse coração, que é meu.
Envolve-me, para sempre, querida,
no teu amor.

MENINA ROSA

Na tarde enfeitada de sol do ano remoto,
vieste.
Transpondo o atêrro e os trilhos de ferro,
apareceste de súbito.
Sobraçavas livros e cadernos.
Estavas ligeiramente suarenta
e tinhas as faces coloridas.
No quadro sobressaiam teus cabelos pretos,
teus negros olhos,
teu sorriso natural.
Vestias, lembro-me bem, uma farda branca
com ramagens azuis
de aluna do Grupo Escolar.
Recordo também o teu nome.
Menina Rosa,
rosa em botão.
Depois
cairam sôbre nós as névoas dos invernos.
Hoje,
eu ainda te vejo
assim.

A MATRIZ

Tarde azulina e esverdeada.
O azul-celeste
        da abóbada
o verde
        da montanha
realçados pelo sol como pintor de aquarelas.
E brisa amena, perturbadora do silêncio,
do silêncio isento de rumores outros que não

os dos amorosos passarinhos.
Surge então o grande edifício,
amplo, sem duas tôrres,
da imaculada brancura das virtudes
com ramagens esguias de azul-celeste.
É a igreja — matriz de Nossa Senhora da Conceição
onde a minha bisavó resou
as suas cândidas Ave-Marias.
O adro, espaçoso e acolhedor,
tem o sabor dos terraços coloniais.
Na nave, a Virgem
sorri de leve
e parece olhar o reino do Pai
ao alto
ao altíssimo e longínquo sobremundo
onde se vive eternamente
a idade clássica
e
sacra.
O tabernáculo é um primor
e um tesouro.
Templo imperial de cidade serrana
olha o largo relvado.
Às noites,
às vêzes,
julgem as estrêlas no céu,
cintilam os pirilampos na terra,
circundando-o de lumes
numa apoteose de ouro.

NOTA MUSICAL

Esmeraldas, rubis, turmalinas, pérolas, diamantes
inaccessíveis
foram as deusas que não me quiseram amar.
Rosas, estrêlas, dálias, violetas, margaridas
insinuantes
foram as deidades que me amaram com fervor.
Estrêla d'alva — ou lírio? —
foi a única mulher que eu verdadeiramente amei.
Sinto ainda um lume
e um perfume
que jamais se afastarão de mim.

Nem a treva
ou o vento,
sombra e violência
os roubarão de mim.

OFERENDA

Queria
dar-te um beijo de amor.
Na tarde fria
entrego-te uma flor.

Uma rosa de afeição
é a oferta singela
que te faço, ó bela,
com o coração.

Branca e perfumosa
é a rosa ofertada,
mimo da minha alma saudosa
à doce amada.

Não esqueci teu rosto
nem teu carinhoso olhar.
Lembro-os ao sol-posto
e ao claro luar.

As frases suaves de outrora...
Desejaria repetí-las
e com os esplendores da aurora
repartí-las.

Nunca, nem agora, te poderei dizer
como é estranho e perturbador
o que sinto ao te ver,
um momento encantador.

Revive em mim o idílio distante,
ó querida mulher,
a glória me sorri num só instante,
a êste qualquer.

Não valem palavras na tarde que finda
se dois olhares têm meiga expressão,
se tu continuas sempre linda
e é grata esta ilusão.

Queria
dar-te um beijo de amor.
Na tarde fria
entrego-te uma flor.

SONHO, SONHO DE AMOR

Com a cabeça pousada no teu ombro,
vogarei nas ondas marinhas.
Transporei as águas territoriais
e penetrarei no mar alto.
Com a cabeça pousada no teu ombro.
A luz das estrêlas emoldurará a paisagem
na viagem romântica.
O oceano imenso e amigo
se abrirá para o par amoroso
que vogará nas ondas.
O mistério e o terror
e os monstros dos mares distantes
não nos perturbarão o idílio.
Com a cabeça pousada no teu ombro
verei ilhas de coral
mundos submersos
enseadas azuis
a vegetação verde esquecida dos trovadores
e terras feéricas
vogando nas ondas
em horas serenas
ou em instantes glaciais ou tormentosos.
Com a cabeça pousada no teu ombro
vencerei as intempéries.
Viajando, deslisando sôbre as águas de tonalidades mutáveis,
em tua companhia,
esquecerei tudo,
menos tu.
Em teus braços,
não mais precisarei sonhar.

DESENCANTO

Os sonhos, vestidos de anjos, vaguearam no céu.
Os sonhos, fardados de marinheiros, navegaram no mar.

Os sonhadores, fantasiados de heróis venturosos,
perderam-se nas planícies das coisas e nas grotas,
conheceram céu, terra e mar,
e, abraçados, resistiram ao sol e à chuva.

Os sonhos, vestidos de demos, desceram ao inferno.
Os sonhos, despidos, naufragaram no alto mar.

Os sonhadores, figuras de lutadores vencidos,
acharam-se sãos e salvos no centro da urbe
e desconheceram o céu, a terra e o mar.

O amor, viajor sem destino, fugiu.

Que sorriso iluminou o grande espaço?

Céu, terra e mar, ùnicamente,
acamparam nas ruínas do paraíso.
Então, exalou um perfume desconhecido,
que foi o perfume do passado,
em céu, terra e mar.